

Professores consideram esgotado o processo intervencionista

Unicamp retoma democratização

Agora, novo reitor é tido como aliado

Apesar de que a posse do médico José Aristodemo Pinotti como reitor da Unicamp, no início deste ano, deixasse transparecer o coroamento do processo intervencionista, para Eliezer Rizzo de Oliveira e Rogério Cerqueira Leite, a realidade atual da universidade prova exatamente o contrário. Isso quer dizer que a intervenção, ao invés de negativa, trouxe em seu bojo conseqüências positivas para a Unicamp, inclusive como elemento precursor de mobilização da comunidade acadêmica.

Explicando o fenômeno aparentemente ambíguo, o presidente da Adunicamp lembrou que logo após ter assumido a Reitoria, Pinotti de início a uma série de alterações que mudaram sua fisionomia de "interventor", passando a ser um aliado da comunidade. Ao exemplificar, Eliezer Rizzo de Oliveira citou a reconstrução das lideranças dos funcionários no quadro de pessoal administrativo da Unicamp; as negociações em torno da volta dos diretores exonerados pelo ex-reitor e a aceitação de amplas consultas à comunidade acadêmica como premissas básicas para institucionalizar a Universidade.

Além disso, Rizzo de Oliveira lembrou também que foi através de proposta da Reitoria que o Conselho Diretor aprovou a reforma estatutária que permitiu as nomeações de professores não titulares por concurso para dirigirem três unidades da Unicamp. É o caso dos professores Wallace de Oliveira, Hélio Waldemam e Cerqueira Leite, que mesmo não sendo titulares por concurso, foram nomeados respectivamente diretores do Instituto de Química, da Faculdade de Engenharia de Campinas e do Instituto de Física, com base em listas sêxtuplas formuladas pela comunidade universitária.

Neste sentido, Aristodemo Pinotti surpreendeu a comunidade universitária, uma vez que o processo intervencionista, ao se instalar na Unicamp, se baseou em respaldos jurídicos que levantavam ilegalidade no fato de que vários diretores de unidades não eram titulares por concurso, assim como estabelecem as normas do Conselho Estadual de Educação (CEE). Reformulando os estatutos da Unicamp e nomeando professores não titulares por concurso, Pinotti contrariou as regras do jogo imposto pelo parecer do CEE que legitimou a intervenção.

Institucionalização

Ainda com alguns pontos a serem acertados, segundo o presidente da Adunicamp, a Reitoria está dando agora os primeiros passos rumo à institucionalização da Universidade, ou seja: a conclusão final de suas bases jurídicas enquanto instituição de ensino superior.



Rogério Cerqueira Leite

Para Rizzo de Oliveira, tal processo não pode ser efetivado às pressas, diante da eminência de ser realizado de "cima para baixo", com características autoritárias e aos moldes das velhas instituições universitárias.

Ao contrário disso, permitindo que a Unicamp se transforme numa universidade aberta e atenta aos problemas da sociedade, para o presidente da Adunicamp, a Reitoria tem aceitado as propostas da comunidade, tornando possível que a institucionalização seja feita com base em consultas amplamente democráticas, cujo processo será acelerado a partir do início do próximo semestre letivo. Também segundo Rizzo de Oliveira, somente agora a comunidade acadêmica está se recobrando do susto provocado pela intervenção.

"Enquanto a Reitoria tem se mostrado disposta a assumir o controle político da universidade — disse ele — a comunidade ainda está sob o efeito da intervenção, completamente atônita como se tivesse saído de uma cirurgia".

Para o físico Rogério Cerqueira Leite, a comunidade acadêmica da Unicamp "hoje tem consciência de que é capaz de governar uma universidade".

Também para ele, o processo intervencionista foi "extremamente salutar", sendo que por isso, a conquista da democracia ora em curso na Unicamp está sendo alcançada de forma vigorosa e sem riscos de uma nova intervenção. "Agora — disse ele — os atos do reitor não são mais autoritários e refletem em grande parte os anseios da comunidade".

A perspectiva de se transformar a Unicamp na universidade mais aberta do País está novamente ganhando espaço e cada vez mais próxima de se efetivar. E o processo de democratização de suas instâncias de deliberação, ao contrário das previsões pessimistas, não corre o risco de uma nova intervenção do Governo do Estado, semelhante àquela registrada em outubro do ano passado, quando a comunidade acadêmica estava prestes a coroar com êxito as eleições diretas para a escolha do sucessor do então reitor Plínio Alves de Moraes.

Embora vivendo os dias atuais com algumas das características que geram o processo intervencionista, a previsão de "bons tempos para a Unicamp" foi feita ontem pelo presidente da Associação dos Docentes (Adunicamp), Eliezer Rizzo de Oliveira e pelo físico Rogério César de Cerqueira Leite, recém-empossado diretor do Instituto de Física Gleb Wataghin. "Os bons tempos" nascem das alterações da ordem política e administrativa, as quais têm sido tomadas de forma sedimentada pelo atual reitor da Unicamp, José Aristodemo Pinotti e respondendo aos anseios da comunidade universitária.

Positiva

Também para ambos, apesar de todos os traumas seqüentes, a intervenção trouxe conseqüências positivas para a Unicamp. O sintoma que favorece tal perspectiva é oferecido também pelo reitor Aristodemo Pinotti, tido no início de sua gestão como uma espécie de interventor oficial, mas que agora está consolidando a Reitoria através de decisões que vão ao encontro das reivindicações que tomaram conta do campus universitário no decorrer do processo intervencionista.

Isto quer dizer que Aristodemo Pinotti, através de decisões que favorecem o

retorno à democracia, deu a volta por cima dos interesses conservadores e a comunidade voltou a ter esperança de fazer da Unicamp o "carro-chefe" de luta pela autonomia universitária em todo o País. Para o presidente da Adunicamp, a situação é complexa, mas não difícil de entender.

Segundo ele, o processo de democratização que motivou a intervenção do Governo Estadual era bastante frágil e baseado unicamente num estreito equilíbrio de forças progressistas e conservadoras dentro do Conselho Diretor da Unicamp, aproveitando a deterioração do esquema de poder montado pela Reitoria então liderada pelo dentista Plínio Alves de Moraes. Ainda conforme Rizzo de Oliveira, a infima vantagem para os progressistas dentro do Conselho Diretor patrocinou sucessivas reformas, as quais tinham o ápice apontado para a sucessão do reitor. Foi em razão disso que a comunidade havia votado de forma direta a lista sêxtupla que apontaria o novo reitor, passando pelo crivo do órgão máximo da Unicamp e desembocando de maneira dirigida no Palácio dos Bandeirantes.

Tudo isso conforme mandava o figurino oficial, mas apenas na aparência, pois a lista sêxtupla seria escolhida pela comunidade e passaria pelo Conselho Diretor da Unicamp unicamente para cumprir a formalidade. Na realidade, o governador do Estado teria que escolher para dirigir a Unicamp um dos seis nomes apontados pela comunidade. No entanto, quando a lista estava prestes a ser encaminhada ao Palácio dos Bandeirantes, o Conselho Diretor da Unicamp foi tomado pelos novos representantes do Governo e em seguida esvaziado das forças progressistas graças à exoneração dos oito diretores, sendo que do processo intervencionista restou também resquícios aos líderes dos funcionários que haviam recém-saído de uma greve de quase 15 dias.

Um anúncio na
Páginas Am
Regio
vale